

Universidade como vocação – novos subsídios de metódica e política universitárias segundo a tradição académica jurídica

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: A Universidade é uma instituição vital para a nossa civilização. Tem várias funções que nenhuma outra pode suprir. Por isso a sua crise, a que nos habituamos, mas que agora está a atingir proporções dramáticas, precisa ser atacada por um resgate do Espírito Universitário. São reflexões e preceitos muito concretos que se impõe nesta hora. Estas reflexões e preceitos não estão desenraizadas, mas baseiam-se muito em especial na experiência de Escolas e Faculdades de Direito...

Palavras Chave: Universidade. Crise. Crise Universitária. Espírito Universitário. Metódica. Política Universitária.

Abstract: The University is a vital institution for our civilization. It has several functions that no other can supply. So its crisis, we get used to, but now is reaching dramatic proportions, should be attacked by a rescue of the true University Spirit. In this article we make some reflections and concrete provisions that seem to be imposed by our time... Specially based upon the experience in Faculties and Schools of Law...

Keywords: University. Crisis. University crisis. University Spirit. Methodical. University policy.

I. Saber e Não-Saber

São nos círculos académicos que merecem esse nome por demais conhecidos os dois textos de Max Weber *Politik als Beruf* e *Wissenschaft als Beruf*². Uma das traduções de “als Beruf” tem sido “como vocação”. *Política como vocação, ciência como vocação*, pois. Permitimo-nos colocar este artigo à sombra dessa tradição, especialmente da Ciência como Profissão, Trabalho, ou Vocação, que é o nosso caso. No fundo, os vários artigos que temos consagrado a estas matérias³ têm sido todos um desenvolvimento da vocação universitária que consideramos autêntica, contra os desvirtuamentos que tanto tem vindo a sofrer.

Parece haver processos na rede e nos fluxos de circulação dos dados (quicá do próprio saber) que merecem mais detida reflexão.

Sigamos o procedimento ou processo. Um facto provoca perplexidade. Vem um sábio (pretenso sábio, que verdadeiros não abundarão) explicá-lo. Mas no meio de

¹ Professor da UAM (*Laureate International Universities*), bols. da Funadesp na Fadisp, Catedrático Fundador do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Fdup, membro do Comité *ad hoc* para a Corte Constitucional Internacional. Prémio Jabuti de Direito.

² WEBER, Max. *O Político e o Cientista*, 2.^a ed. port. com introdução de Herbert Marcuse e trad. de Carlos Grifo. Lisboa: Presença, 1973. *A Ciência como vocação*: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf (consultado a 13 de setembro de 2016); ou então *Ciência e Política: Duas vocações* : <http://www.libertarianismo.org/livros/mwcepdv.pdf> (consultado em 13 de setembro de 2016).

³ Desde o nosso livro *A Escola a Arder*, Lisboa: O Espírito das Leis, 2005, e os vários publicados nas revistas da Mandruvá e na revista portuguesa “Ensino Superior”.

meia dúzia de linhas de dissecação, metade são de nova confusão, se não forem de sectarismo ou partidarismo.

Aplaudem o sábio meia dúzia de gurus, seus discípulos diretos ou admiradores diletos, que repercutem. Em algum tempo, já ninguém quer saber do facto enigmático mas da falsa discussão introduzida, a bem ou a mal, a propósito ou mesmo a despropósito (*a propos et sans propos*).

Pode este facto compor-se com variantes ao infinito. O conjunto de pessoas que mesclam em texto acertado muitos absurdos, erros, preconceitos, e incultura está a crescer. Se não se vigiarem (não policiarem ou burocratarem, como parece estar a quase ocorrer) cientificamente bem os textos académicos, então, podem ser terrível fonte de erros, como já o estão a ser escritos mais comuns... O que se diz nas redes sociais é de bradar aos céus, muitas vezes, como Umberto Eco bem alertou. O que a comunicação social veicula, mesmo não sendo manipulação, é muitas vezes faciosismo, leviandade, falta de profundidade, falta de conhecimento.

O deixar mandar imprimir uma tese ou dissertação já não pode ser como era dantes, uma quase ritual complacência... Pelo menos comprometendo o nome das instituições e dos *júris, bancas, tribunais*... Há já universidades que obrigam a que a publicação diga: A Universidade X não entende dar aprovação nem reprovação ao conteúdo desta tese... Mesmo que a tenha aprovado. E mesmo com as maiores honras.

Faz sentido. Só quem conhece o modo complexo de funcionamento de bancas, júris e afins é que compreenderá. Há uma dinâmica complexa, e é melhor que ninguém, nem mesmo a instituição, se comprometa com o fundo. Até pelo facto de que, hoje, se dá um dedo e se toma o braço em matéria de títulos e honras académicas. As redes sociais proclamam com mil trombetas os feitos empoladíssimos de muitos.

E desde logo, e independentemente de tanta exuberância comunicadora, ainda por isto: pode-se considerar uma tese ou um currículo como muito válidos mas não querer ter com eles a mais pequena conotação. E isso beneficia o pluralismo. Se um membro de um júri for associado a todos os candidatos que aprovou, está hiperconotado. O mesmo ocorre com uma Faculdade ou Escola. Não se pode ir por esse caminho de envolvimento de quem apenas aprovou, ou mesmo louvou, num contexto restrito. Os júris, e cada elemento do júri em especial, precisamente porque não será conotado com as ideias ou mesmo com o estilo de uma tese, poderá ser mais livre para a julgar. Pode-se admirar até ou pelo menos julgar positivamente aquilo que não se diria, não se diria daquela forma, e até aquilo com que nem sequer se concorda. Pode-se apreciar na perspetiva do se considerar ser bem “apanhado”, mas jamais se quereria ser arrebanhado para um abaixo-assinado com tais ideias. E há um *decorum* a manter, uma certa discrição que infelizmente se quebra, mas qua alguns ainda prezam, e pela qual estão dipostos a lutar. Esse é um elemento de qualidade de vida, de qualidade de cultura, de nível da Universidade. Passar um exame, obter um título ou um grau (que se dizem ser sempre os melhores do mundo) não é ter comprado um carro, um vestido, uns sapatos novos. Nem ter ganho a lotaria.

Mais radicalmente ainda: a liberdade de dizer tolices deve existir, mas como se defende o público de tolices que se apresentam sob roupagens académicas? É cada vez mais frequente a propaganda (quantas vezes enganosa) que começa por coisas como: “cientistas da Universidade de X, Y ou Z, provaram que...”. E se os das outras Universidades não provaram, ou provaram o contrário? E se foi apenas um professor ou assistente ou pesquisador ou um par deles, numa Universidade com vários milhares? E se não provaram nada, e se a notícia foi acomodada, e se não aconteceu nada mesmo?

Há muitos exemplos de confusão e falso conhecimento e conhecimento enviesado. Umberto Eco chama alguns a atenção para que um inquérito feito em Londres (não numa perdida aldeia do terceiro ou quarto mundo) “um quarto das pessoas interrogadas julgava que Winston Churchill e Charles Dickens eram personagens imaginárias, enquanto Robin Hood e Sherlock Holmes teriam de facto existido”...

Parece, apesar de tudo, um escândalo pontual. Mas não é pontual. Há muitas mais ignorâncias, e até por parte de quem tinha obrigação de saber, desde logo universitários. Mas a grande questão é: de quem é a culpa? Os sistemas de ensino gastam milhões e milhões, mas ensinam realmente o que interessa? E avaliam com justiça? A comunicação social movimentada, por seu turno, milhões e milhões, mas contribui para educar o Povo eficazmente? E o que fazem as Famílias? E cada um o que realmente faz por si, pela sua cultura, pelo seu conhecimento? No limite – e este é um grave conselho a todos os estudantes –, perante a possibilidade muito plausível de os sistemas formais de educação deixarem muitas lacunas, é necessário que cada um estude por si. O autodidatismo é sempre uma componente importante da aprendizagem... Não pode suprir tudo, mas dele temos de nos socorrer muitas e muitas vezes.

Recordamos bem que frequentemente ficávamos a estudar até à meia-noite, hora do fecho da Biblioteca Central da Universidade de Coimbra, estudando o que sabíamos que não iríamos aprender no currículo normal.

II. Méritos e Honrarias

1. Méritos

“Mérito” é uma palavra muito corrompida nos dias que correm. Mérito, excelência, competência, sucesso, e todo um rol de expressões legitimadoras que muitas vezes não passam de medalhas (mas de latão) para os amigos, parentes, correligionários e afins a quem se quer enaltecer. As redes sociais, então, superabundam em autoenaltecimentos, em que toda a gente tem os melhores trabalhos, faz as mais excelentes dissertações e teses, entra e triunfa nas mais excelsas universidades do mundo, faz palestras do melhor que há com os mais incríveis sábios do planeta e arredores, e é, afinal, um génio, a quem se deve aplaudir e venerar. Uma vergonha de espanto, de propaganda. Coisa diferente é a informação que gente discreta vai sendo forçada a veicular, porque numa sociedade de espetáculo, todos são impelidos a mostrar que existem... Mesmo pessoas delicadas, cordatas, prudentes são levadas a coisas que, há uns anos atrás ninguém acreditaria que pudessem fazer. Desde logo, falar de si e do que fazem intelectualmente sem ninguém lhes perguntar... São as selvagens regras do jogo.

Mérito é, pois, palavra de desconfiar. Mas vamos precisar usar a expressão, com o sentido antigo, tentando limpá-la das excrescências semânticas e os aproveitamentos *pro domo*.

Vemos grande mérito não em quem se vanglorie de forma *snob*, ou se coloque em bicos de pés, se queira fazer passar por quem não é (por exemplo, com a proverbial engenharia de maquilhagem de *curricula*), ou o faça entoando loas e pintando doirados de outros, para enobrecer amigos ou para bajular superiores ou potenciais padrinhos... Esses são o exemplo acabado de demérito.

Mas vemos, entretanto, com muito bons olhos os que esforçadamente, com retidão, sem truques, sem embustes, fazem das fraquezas forças, das tripas coração, e com o pouco que possuem, de meios de qualquer tipo (materiais, espirituais, culturais,

até de inteligência) com humildade e afincos querem ir mais além. Se esforçam muito, querem muito, e ainda que avancem pouco, merecem cada palmo que percorrem.

São esses os que andam de camisa lavada, ainda que só tenham um par de camisas. E andar de camisa lavada com um par de camisas é difícil, mas é muito digno. Tiro-lhes o meu chapéu.

2. Honrarias

Na Universidade e à sua volta há muitos rituais de festividade, e de tributo de homenagens. Nem todos, infelizmente, como em tudo na vida, são absolutamente sinceros, mas nem todos são puramente hipócritas. Há um alguns casos (não sabemos, não saberíamos dizer a percentagem) gestos estudados, poses ensaiadas, condecorações que soam a latão. Mas há, pelo contrário, situações em que sentimos que se faz justiça com muitos vultos de peso na vida académica.

Homenagens póstumas podem ser sinceras, ou puras manipulações de mortos indefesos apenas para os vivos de tal retirarem louros pessoais. É coisa de abutres. Mas há, evidentemente homenagens póstumas que são sincera admiração materializada. Há sempre casos e casos.

Homenagens demasiadamente pomposas e afetadas a vivos, podem lançar suspeita sobre todos. Claro que as há também sinceras, mas os invejosos dirão que tudo é apenas lisonja, ou pior ainda. É preciso muita moderação em prestar e aceitar essas homenagens, embora varie a sensibilidade de país para país, e até de academia para academia. Coisas de arrepiar num país podem ser naturais outro... São diferenças culturais que alguns teimam em não entender.

A verdadeira fama e prestígio de alguém avaliam-se quando já não tem nenhum cargo ou posição em que possa vir a retribuir as homenagens, as distinções, os convites, nem é crível que seja um potencial ocupante com chances de nenhum cargo ou posição importantes no futuro.

Quando o homenageado, tendo partido dos cargos “pobre e velho” (Dante), nada tem para dar em troca, nem que fosse por simples simpatia, cortesia, nem mesmo pela justiça de poder *dar o seu a seu dono*, a homenagem tem sabor de autenticidade.

Nesse caso, quando (mesmo que não tão velho assim o homenageado, mas por exemplo retirado, aposentado, ou algo afim) o celebrado é pobre de coisas a poder dar em troca, vê-se que a distinção foi feita não por cálculo (*do ut des*) mas por generosidade e grandeza. E essas distinções engrandecem quem as faz.

3. Mumificação

Anda um honesto (ou menos: porque no caso importa pouco) pesquisador e docente a mourejar sem vida, sem afetos, sem tempos livres, sem outras preocupações que a carreira e, em certos casos, a (estulta) fama (que podem ser ou não coincidentes), e ao cabo de alguns anos, um salto qualitativo da existência pode fazê-lo ser conhecido. Como dizemos, pode ser pessoa de mérito, ou de menos mérito. Pode ser inteligente, culto, aplicado, honesto, ou um tanto menos. Mas tem de ter algum empenhamento, ou ter sido alvo de um toque da Sorte muito especial.

Em geral, a fama não vem sem alguma *Fortuna*, sem Sorte, mas precisa de muito empenho do próprio. É difícil, sobretudo em áreas como os estudos jurídicos e de ciências sociais e humanas ser-se conhecido e famoso a despeito de si mesmo (apesar de haver algumas figuras que fazem gala em afetar o seu horror ao público e aos holofotes das ribaltas). Não se trata de inventar um aparelho novo, nem a cura para

uma doença muito mortífera. Supondo que uma coisa e outra possam hoje em dia ser objetos de invenção ou descoberta individuais e não de vastas equipas e laboratórios. Pois bem: quer-se de algum modo a fama, ainda que modestamente.

Sim, porque o que aspira a ser famoso pode apenas querer fama para uma ideia ou um projeto, de que é autor, arauto, mensageiro, apóstolo.

O grande problema é a vingança da banalização. Não é a banalização do mal, de que falava Arendt, mas a banalização que rebaixa tudo, que a tudo toca transformando em banal, em medíocre, mesmo coisas e pessoas exaltantes.

No mercado geral das vaidades e das celebridades a entrada de mais um ou uma é coisa em que ninguém atenta. Há monstros sagrados instalados, mas tratados de uma forma tão rotineiramente encomiástica, que não se incita nenhum neófito a conhecer quem sejam ou o que representem, antes que sigam o coro da vénia e do aproveitamento da sombra dos famosos. Por exemplo, tirando fotos abundantes em eventos académicos, conseguindo ser mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, prefaciados, etc. pelas celebridades, etc. Estamos em crer que muitos acabam conseguindo por cansaço dos visados. Não se consegue permanentemente ir-lhes dizendo que não (como no poema de José Régio).

Por seu turno, e dependendo em absoluto de uma moda caprichosa (tanto quanto nos foi dado entender... mas quem vai entender?) pela qual hoje estão mais estes que aqueles na “berra” ou na moda, e são mais estes que aqueles os convidados, agraciados, condecorados, objeto de livros de homenagem, etc., as estrelas são solicitadas a um cirandar permanente de pronunciamentos, entrevistas, cursos, aulas, palestras sobretudo, e artigos. Vivem uma escravatura penosa.

Vão começando a dizer que não, e então serão menos convidados no futuro... Se estiverem psicologicamente muito dependentes dessa visibilidade, será fatal não ir dizendo que sim a muitas solicitações redundantes e extenuantes.

Um dia, eclipsar-se-ão, com mais ou menos rapidez, e podem ficar como anjos caídos e destroçados. Outros manter-se-ão por muito tempo à tona, mesmo depois de aposentados ou jubilados...

Os jubilados queixam-se que trabalham agora mais. Mas é difícil recusar tantas e tão simpáticas solicitações. Não sabemos se o facto (é facto) de os jubilados trabalharem mais se deve a essa sua nova situação, ou a que hoje todos os docentes que não sejam resolutamente relapsos e impenitentes, na Universidade, estão a ser obrigados a trabalhar muitíssimo mais, e com pouco proveito geral. Por vezes, o contrário mesmo. Assim, os jubilados apanhariam por tabela do muito trabalho, para mais na medida em que, a menos que estejam completa e muito visivelmente inválidos, paira sobre eles a terrível e injustíssima fama de que ganham “sem trabalhar” e sem as corveias inerentes. Portanto, há que fazê-los trabalhar, de graça.

Corre-se o risco, mesmo antes da aposentação, de uma mumificação. Em que muito poucos se interessam pela mensagem do artigo ou da palestra da celebridade (ou mesmo notoriedade apenas), mas somente importa a presença icónica.

Em alguns casos, também alguns ícones se repetem à exaustão (outros surpreendem e já não os ouvem).

A grande questão por parte de quem tenha alcançado esse estatuto é o de gerir bem o seu tempo. Não se pode ir a todo o lugar nem satisfazer todos os pedidos. É preciso aprender a ser muito seletivo.

E a nossa atitude para com os monstros sagrados deveria ser de mais respeito. Desde logo, poupando-lhes o tempo, a intimidade, a individualidade. E lendo-os. Ouvindo-os. Dialogando com eles. Pode acontecer que a grande teoria de um deles só

surja mesmo muito tardiamente. E pode até ser uma grande surpresa. Ora se os tivermos mumificado não iremos entender nem sequer aperceber a tal nova teoria...

4. Luz Própria e Luz Refletida

Uma das principais coisas a procurar por um universitário é a assunção de um caminho próprio. Não se trata de perseguir a originalidade pela originalidade (isso, normalmente, dá resultados catastróficos, e antes de mais muito ridículos); do que se trata é de apropriar-se do legado dos grandes, dos clássicos e do próprios mestres, mas ponderá-lo criticamente, acrescentá-lo e devolvê-lo aos demais com um cunho pessoal. Faz toda a diferença um professor que tenha decorado as sebatas ou apostilas ou manuais dos outros e até os debite “competentemente” e um outro que seja capaz de criar, de escrever os seus próprios textos, de fazer da aula uma obra de arte, de cada aula uma celebração litúrgica e uma festa. Não, como é evidente, uma palhaçada de “*folies bergères* pedagógicas” como ouvimos a um grande Professor e Poeta, mas uma obra de arte, insistimos, em que nos sentimos jubilosamente transportados. Pela emoção axiológica que sempre acompanha os valores: e aqui serão éticos e estéticos, pelo menos... E, apesar de ameaças de leis que pretendem proibir a política nas escolas (como se essa proibição não fosse ela mesma política, e fortemente política: totalitária), também poderá haver valores políticos, normalmente associados aos jurídicos.

O contrário desta individualidade e maturidade académicas é o epigonismo, um discipulato falso, pois nem discípulos há na universidade massificada. Nela, o professor não é mestre, nem o aluno discípulo. A relação entre eles é burocrática, se chega mesmo a haver relação e não mera coincidência de horários (nem sempre total, porque o aluno pouco que sente vinculado, nem com faltas, a permanecer na sala: e em alguns casos, quando permanece fisicamente, não está lá, mas no seu celular ou na conversa com o vizinho – segundo se queixam muitos colegas).

As capelinhas teóricas são também uma cobertura à falta de individualidade e de pensar pela própria cabeça dos próprios docentes. Como os velhos romanos *snobs* que se faziam retratar com bustos de venerandos antepassados, mais ou menos divinos ou divinizados, muitos vão hoje buscar por si mesmos e declarar ao mundo os seus padrões ou referências. Essas serão nobilitantes.

Imagine-se que alguém resolve declarar-se, digamos...(à sorte, por simples associação livre de ideias...), marxista (e marxiano ainda é mais *chic*), nietzcheano, ou freudiano, ou (há nomes que não sabemos bem quais sejam, ou fossem) benjaminista (de Walter Benjamin), joanista (de São João), ou antoniano ou antonista (de Santo António), ou Paulo sextista (?) (de Paulo VI), ou ecoísta ou econiano (de Umberto Eco), ou Bartheano, ou outra coisa qualquer. Nos políticos também teríamos muitas hipóteses: Gaullista, Churchilliano, Mitteranista, Ivanista (de Ivan, o terrível)... milhares, milhões... E imagine-se de seguida que o nosso docente com seu guarda-chuva de celebridade totémica (porque se trata afinal de um totem) passava a vida a ligar tudo o que lhe ocorresse com a vida e a obra de um deles heróis, esses ou outros. E que criava uma associação de estudos respetivos (ou aderira a alguma já pronta), e que fazia disso uma espécie de seita. E que sempre que abrisse a boca lá viria citação de um versículo da "bíblia" (livros) do mesmo ícone, etc. etc... Temos a impressão de que alguns ainda o achariam um psitacista, um epígono. Mas outros o valorizariam muito mais, porque dourado com o respaldo de uma celebridade.

Há quem critique muito o ecletismo na Academia. Sim, ele pode ser meias-tintas, nem-nem-ista (como diria Barthes), mas ser pessoa de um só autor ou de um só livro é ainda muito pior...

5. Senhoras e Senhores

De vez em quando, pessoas em geral graves e na melhor das intenções, recordam vultos femininos e masculinos com expressões que oralmente até ficam com uma entoação mais solene: "Era uma Senhora!", "Era um Senhor!". É um cumprimento venerador e interessante, em tese.

Das vezes em que ouvi ou li essas observações, creio sem reserva ter concordado quase sempre. Alguma exceção, que nem recorde, pode ter confirmado a regra.

Mas o que é interessante é que, quanto mais se avança no tempo, mais parece escassearem aquelas e aqueles que, no que vou ouvindo e lendo, mereceriam esse epíteto de "senhora" ou "senhor". Não posso porém acreditar que ele seja apenas privativo de desaparecidos, ou, alternativa, apenas para anciãos e anciãs.

O que se estará a passar? Certamente a *gravitas* dos comentadores e comentadoras que usam essas expressões não encontra muito hoje em dia entre os mais novos (embora bem adultos e alguns entrados em idade já) quem corresponda aos seus padrões, que por definição deverão ser razoavelmente altos.

O grande problema é se um dia, por falta de quem verdadeiramente caiba nos padrões, se passe a descer vertiginosamente a bitola e a dar o título a quem não o merece, de todo. Relemos agora, por acaso, um recorte de um jornal velho, em que uma figura, digamos, semi-importante, num dado setor, dizia uma rotunda banalidade, mas já com direito a caixa alta e destaque desmedido. Ao ver a hipótese de, passados os anos, a ver promovida ao grupo desses eleitos "senhores" arrepiam-se-me os cabelos... Há um posto que se adquire meramente pelo passar dos anos, pelo hábito de vermos alguém nos lugares, e que só os novos brilhantes são capazes de com clareza, se forem críticos, apontar que "o rei vai nu".... Cuidado, portanto, na confusão entre valor e idade. Mas em contrapartida, também há um culto modernação pelo pseudo-génio imberbe e sem nenhuma prova dadas, que nos deveria fazer ponderar...

Temos de saber apreciar bem quem reverenciamos. Os nossos modelos ditam normas para a sociedade, e, antes de mais, como é óbvio, para os mais novos. Cada vez mais temos de presenciar o "vale-tudo" de arrivistas? Não. Que os nossos Senhores e Senhoras sejam modelos claros de como se deve ser. Para que haja critérios e não possa haver confusões. Somos infelizmente muito condescendentes, para não dizer laxistas. Perante a petulância e a infatigável insistência dos *parvenus* não damos o "Basta" que se faria necessário. E que tem consequências para o futuro. Não basta uma esquiva subtileza. É precisa a frontalidade (uma ou outra vez rude: para ser legível) contra a falta de qualidade (e quantas vezes também de escrúpulos) que nos bajula e nos persegue...

6. Reconhecimento social

Há uma espécie de "curto-circuitos" sociais que muito aproveitam a alguns. Vivemos em sociedades de choque, em que sobressai quem tem beneplácitos elitistas (ou oligárquicos, melhor dizendo), mas é sempre ou quase sempre útil uma fama construída no *épater le bourgeois* ou o alinhar por terrenos que não seriam aparentemente os mais consentâneos com o que se esperaria de um ator social. Fica tão bem um "barão vermelho", que *chic* que é a *contradictio in terminis*! E um *banqueiro anarquista*, à Fernando Pessoa... A sociedade *blasée* vai embalando os seus ócios e bocejos com figuras mais ou menos exóticas que vai podendo apresentar nos seus salões. E o mesmo ocorre, na medida devida, nos salões mediáticos... Também há alguma complacência em sentido contrário: alguém que vem do nada, e fez grandes

cursos ou conseguiu grandes títulos, ou (até é o caso mais celebrado, porque com tantas funções legitimadoras e apaziguadoras) uma enorme fortuna. Esses terão muito mérito se os títulos valerem mesmo, e se a fortuna tiver sido construída com honestidade... Se, se...

Em todo este jogo, há porém grupos que foram ficando para trás. A velha nobreza sem títulos (não palatina) e a velha burguesia sem nobreza e não *snob* (e por vezes já sem dinheiro agora: a destruição da classe média é fenómeno terrível do nosso tempo e com consequências morais e culturais devastadoras), mesmo a honesta burocracia, por vezes muito letrada, nunca chegarão aos círculos olímpicos que propicia um nome sonante e mais ainda se se lhe colocar uma flor na botoeira de inconformismo.

A Educação (com escola pública, gratuita, etc.) seria um meio de igualitarização poderoso. Desde que, desde logo, soubesse seleccionar bem, com rigor, e sem aceção de pessoas. Mas, em alguns contextos, se tivermos três pessoas com altos títulos académicos, será preferido o mediático e turbulento (até por medo), depois (ou *ex aequo*) o conservador sisudo (até por temor reverencial ou identificação de casta), e ficará de fora o mais titulado sem nome e sem política (ou afim) que o eleve. “Nem vale a pena pensar nisso. É a força das coisas. Ninguém muda o mundo! Sempre assim foi e será!” – dirão alguns. Apesar de coisas como estas (não será sempre assim) ensombrem a crença na regeneração social pela Educação, e a verdadeira meritocracia, é preciso perseverar, no seu posto. Conhecemos quem continue a concorrer a todos os concursos, acumulando desaires. Mas deixando patente a presença. E o pior, evidentemente, são os lugares em que nem sequer há concursos... E há muitos e importantes lugares desses, alguns absolutamente vitais em democracia, em que prevalece a nomeação e outras formas mais monárquicas que republicanas de acesso aos poderes e às honras.

7. Snobismo e Superlativismo

Quando leio ou oiço: o maior isto, o melhor aquilo, o mais tradicional aqueloutro, o mais prestigiado não sei o quê, o mais respeitado *bam bam bam*, e tudo o mais lá nos píncaros da Lua, seja para pessoas ou coisas ou instituições académicas - pura e simplesmente não acredito.

Como se mede isso? Quem o comprova? Para que se precisa de tanta propaganda? Se é assim, não se prova e comprova a si mesmo? Por favor, menos superlativos... Tudo isso, em lugar de enaltecer, apouca. Pelo menos aos olhos de quem possua sentido crítico. Infelizmente, esse patamar elementar que a Universidade deveria começar por fornecer (ou até exigir à entrada), como ferramenta manual primeira, em muitos casos é luxo a que só poucos se podem dar. E com ela podem dar-se mal... porque em terra de cegos quem tenha um olho não é rei, mas pária. Não dizia por exemplo Peter (o do respetivo princípio) que numa Universidade seria necessário prevenir com antecedência que se ia contar uma simples anedota, caso contrário, pela *gravitas* instituída (presume-se) não se teria como resposta o riso?

II. Vocações

1. Acarinhar e Aproveitar as Verdadeiras Vocações

Uma das coisas mais importantes a descobrir é a vocação de cada um. Ou seja, saber escutar o chamamento. Seguir caminhos errados pode ser muito prejudicial. Mas quem tem muitos dons, por exemplo, para as Letras, as Artes e as Ciências, para os Negócios e para a Mística, pode confundir-se. E uma coisa é ter dons e outra ter o

especial carisma. Não sabemos se há destino, esperemos que o não haja. Mas há predisposições e o cálculo de probabilidades poderá quiçá dizer se este caminho ou aquele teria sido melhor...

A utilização das vocações, na Universidade, é muito importante. É mesmo um crime (*hoc sensu*) que uma Universidade não utilize os seus professores, estudantes e funcionários de acordo com a vocação de cada um. Uma mania a enraizar-se por muitos lugares é a que todos os docentes deverão ser muito bons em tudo: em pesquisar, em lecionar, em gerir, em dialogar com a sociedade envolvente e prestar serviços à comunidade, etc. Nada de mais errado. Há alguns, certamente muito poucos, que podem cumular todas essas prendas, mas a maioria poderá ser bom apenas numa ou duas delas. E, na verdade, o mais importante na vocação universitária é a leção e a pesquisa. Se a grande maioria procurasse ser bom professor e bom pesquisador, teríamos excelentes universidades. Porque há também, felizmente, algumas pessoas com vocação para o interface social e comunitário e outros que são ótimos gestores. Mas não precisamos que todos sejam candidatos a cargos de chefia. Seria até politicamente infernal uma Casa com tantas vocações dessas. As disputas pelo poder que já existem, pelo mundo fora, já chegam, e sobram. O poder e suas teias corroem o são clima de camaradagem jubilosa na procura do Saber desinteressado que deveria animar os claustros universitários.

2. Detetar e Desmascarar as Falsas Vocações

A debilidade de discernimento e falta de argúcia e malícia entre os sábios eruditos, mesmo apenas entre os letrados que estudaram muito ou meramente muito viveram à sombra do intramuros universitário é proverbial. E realmente em muitos casos é confrangedor como é fácil enganar um universitário de uma certa idade mesmo, porque não tem experiência, muitas vezes, das subtilezas e dos ardis da vida comum. Seria interessante estudar este fenómeno de infantilização, de ingenuidade em mentes por vezes brilhantíssimas e não sem a noção da maldade dos Homens quando se trata de Teologia, Filosofia, História ou Literatura... ou Relações Internacionais, Politologia e Direito, claro.

Ora neste contexto é relativamente fácil a alguém convencer universitários que tem vocação para o ofício, quando na verdade apenas pretende títulos, graus, empregos... O mimetismo, a começar pelos tiques universitários é proverbialmente contado em estórias de corredor, mais ou menos míticas. E por vezes não imita o “submarino” apenas (de)formações universitárias, mas predileções pessoais muito enraizadas do(s) docentes de quem depende a sua sorte académica. Normalmente de clube desportivo, religião, partido, etc. Imagine-se um(a) professor(a) com poder e em declínio, que acumulou o longa da vida brigas académicas, e um bom naipe de traições mesmo, ver um(a) jovem simpático(a) que simplesmente está em sintonia consigo nas formas de ver o mundo, a universidade, a vida, e comunga dos mesmos ideais e mesmo bizarras e tiques.

Não é apenas, porém, a ingenuidade que pesa no ludíbrio vocacional dos mais velhos e mais isolados do mundo lá fora. É também um sentimento de solidão, que procura mais ou menos desesperadamente discípulos e interlocutores, ainda que apenas potenciais, na esperança de que o venham a ser no futuro. O isolamento dos mestres é uma realidade. Mesmo que tenham muitos satélites à sua volta, mantêm a lucidez para compreender a mediocridade dos epígonos, o oportunismo de muitos, e mesmo que tenham já uma corte considerável, não deixa de sempre querer aumentá-la (os mais cínicos) ou mantêm-se sempre vivo o desejo de transmitir o seu legado a alguém verdadeiramente merecedor (os mais idealistas). Ora fazer-se passar pelo

delfim ideal, pelo discípulo ideal, inteiramente imbuído dos mais puros, altos e desinteressados ideais, movidos pela mais genuína vocação, esse o grande embuste em que muitos caem. O que resulta para as instituições de um erro sobre qualidades essenciais do discípulo escolhido, do candidato colocado, do confidente eleito, do sucessor indigitado é dramático, mesmo trágico.

E o trágico (é mais trágico até que dramático) é que há verdadeiros discípulos que sempre se verão colocados mais ao menos de parte e ao longe pelos seus mestres, que, porque eles não usam dos ardis da subserviência, os não terão reconhecido como tais.

3. Vários Tipos de Universitários

Há, naturalmente, vários tipos ou qualidades de docentes, de pesquisadores, de estudiosos, de sábios. Ser docente, investigador, estudioso ou sábio, evidentemente não são a mesma coisa.

De qualquer forma, há “especialidades” (por assim dizer) superlativas abaixo das quais, respetivamente de cada uma, se vai desenvolvendo de personagens que encarnam graus de sucessivamente menor excelência. Nada de mais natural. Simplificando, é certo, porque há misturas entre os tipos, e assim pode haver um docente medíocre extraordinário sábio, ou um mediano estudioso no máximo das artes da docência, etc...

Não é porém o momento para ensaiar muito rígidas e pretensamente científicas catalogações, que sempre seriam discutíveis. Mas o certo é que todos temos uma noção empírica, decorrente da nossa própria experiência na academia, que imediatamente nos faz pensar no génio da pesquisa, mais ou menos solipsista e nem sempre eloquente (normalmente pouco falador, distraído, lunático: o protótipo do “cientista”), o expoente austero e dinâmico da boa gestão (se isso for propriamente especialidade académica e não da própria boa administração em geral), o sucesso no marketing da instituição (*idem* no comentário), o grande professor de anfiteatro, orador brilhante, mas gostando pouco de interrupções (sobretudo irritando-se com bobagens como: “isso cai na prova?”), o grande político académico, articulador de consensos e urdidor de intrigas, dentro e fora da Casa, capaz de granjear para si, os seus sequazes e a própria sua Casa as maiores honras, contatos, contratos, benesses..., etc., etc.

Seria interessante encontrar exemplos literários ou cinematográficos destes e doutros “tipos ideais”.

Mas, como dizíamos no início, entre todos estes e outros tipos-ideais há mesclas, há variantes.

Não se podem avaliar todos pela mesma bitola, e cremos que cada um, tendo alguma obrigação de se conhecer a si mesmo (o velho imperativo délfico: *gnōti seauton*), talvez devesse indicar às instâncias avaliadoras a percentagem em que deveria ser especialmente convocado, e conseqüentemente avaliado: pesquisa, lecionação, gestão (administração) e extensão. Isso acabaria com muitos equívocos, muita insegurança dos docentes (sempre sob a espada de Dâmocles de virem a ser chamados para tarefas para que sabem não ter aptidão), graves mal-entendidos, imensos desperdícios de tempo e esforço, e profunda e irreversível insatisfação no trabalho universitário. E o tal esgotamento geral, profundo e crónico que, como se anuncia já, afetaria mais de 60% dos universitários. Ou seja, mais de 60% dos ativos deveriam estar já aposentados por total exaurimento, doença profissional.

Assim também a fama (mesmo a simples, volátil e volúvel fama dos corredores), se nela residisse alguma Justiça (mas sabemos que não a há, muito pelo contrário), se deveria aferir tendo em conta, de forma equilibrada e sábia (valorando mais o que mais importa), a composição monista ou híbrida do trabalho de cada um.

É uma grande injustiça, por exemplo, que um *dandy* universitário qualquer seja qualificado como um génio pelas suas *boutades* irónicas ao café (quando raramente passeia pela Faculdade ou Escola) ou no *Facebook*, enquanto um sólido carregador de pianos do saber, mesmo fora da sua especialidade, é obrigado pelos poderes académicos a lecionar uma dúzia de disciplinas por ano, e a corrigir, sozinho, uma enormidade de provas... que não servem para nada, porque em muitos casos são completamente redundantes (já que os estudantes não tem tempo para, de umas para as outras, estudar mais, no jogo apertado dos semestres). Ou então, como comparar esse diletante, com pouquíssimo que fazer, e fazendo mal e displicentemente aquilo de que ainda o incumbam, com aquele outro que, religiosamente, tem como ponto de honra apresentar sempre aos estudantes, de cada nova cadeira que lhe seja atribuída, sebenta, apostila, até livro didático, manual ou tratado de sua autoria, responsabilizando-se pela síntese e originalidade da apresentação da matéria? Para depois, em alguns casos, lhe virem dizer que isso de escrever manuais, tratados e afins não conta nada, mas mesmo nada, para a avaliação universitária, que prefere pequenos artigos, de vasta coautoria, em revistas tidas como oraculares nas áreas respetivas.

Podem as aulas do primeiro esforçado “carregador de pianos” não ser o *suprasumo*. Adivinhamos a exaustão.

Podem os textos do segundo não destilar a mais perfeita genialidade. Até porque, se tiver que escrever muito, e depressa, não terá muito tempo para depurar.

E imagine-se o caso de combinação destes dois tipos. Um docente destes não vive. Desgasta-se apenas nas suas tarefas académicas, que deveriam ser profissionais, mas que afinal são a pior excravatura de todas, a escravatura da alma.

Num e noutro caso temos trabalhadores sérios que fazem o trabalho duro. Não a intriga, o espanto, a pose palaciana.

O outro, o primeiro de todos que referimos, é um turista do ensino, como alguém já lhe chamou. Certamente dá-se muito bem com todos os que importa ter do seu lado. E ainda por cima porque certamente prodigaliza boas notas (e tem boa verve e boa aparência) deve ser querido dos alunos que também vão à universidade fazer um tipo de turismo em tudo semelhante ao seu, *mutatis mutandis*. É verdadeiramente de doer o coração ver aqueles professores e professoras que se não cuidam, porque passam o tempo todo a cuidar da escola, e que depois, nela, são avaliados(as) pelo penteado mal composto, pela gravata mal escolhida, pela vulgaridade das marcas de roupa que usam (ou não usam: porque isso de roupas de marcas visíveis e detetáveis não é para os salários dos professores normais).

Mas *à la longue* os estudantes que se tornaram profissionais competentes, que pensaram e amadureceram, terão de estar gratos aos que trabalharam mais. Embora possam certamente guardar recordações simpáticas, engraçadas, picarescas ou simplesmente coloridas e decorativas da passagem dos diletantes pelas Universidades, certamente não lhes custará reconhecer que essa função lúdica poderia ser exercida, com vantagem, por comediantes.

Acresce que além dos referidos carregadores de pianos, ainda há outros, bem mais geniais, mas que, obviamente, não conseguem competir de modo nenhum com os que politicam e intrigam e jogam charme sobre superiores, colegas e estudantes. Os turistas são muitas vezes também grandes sedutores. Afinal sedutores profissionais, porque dessa sedução decorre (e só dela ou quase) o seu emprego e a sua fama.

Ninguém honesto e com trabalho para fazer, por vezes muito premente e em muitas frentes simultâneas (a universidade é protótipo de emprego em que se tem muitos patrões, cada um exigentíssimo e ignorando sobranceiramente todos os demais, querendo o empregado só para si e para as suas quantas vezes caprichosas prioridades), o que pode descansadamente fazer quem, na verdade, não trabalha.

III. “*Ad angusta per angusta*”

Temos reparado que quanto mais as pessoas se revoltam ou irritam ou baralham nas suas vidas, piores coisas lhes acontecem. Como que um regulador automático a dizer-lhes: resolve, trabalha, encara, não te lamentes, irrites, esgadanhes! Se não, o abismo chamará o abismo (*abyssus abyssum invocat*). Ora vamos lá ser positivos!... Há sempre soluções, ainda que possam ser dolorosas. Mas o que arde pode curar...

Tal é muito apropriado em momentos mais críticos, como os de admissão a um curso, a um concurso, em alguns momentos de uma dissertação e de uma tese. Esses desafios normalmente fazem crescer e compreender a realidade mais profunda. São normalmente muito positivos a longo prazo. A curto prazo é certo que podem ser muito traumáticos. Há que estar preparado para coisas.

Uma das ingenuidades mais nocivas que se pode ter sobre a universidade é que se trata sempre de um ambiente de justiça, de lisura, de *fair play*, de lealdade. Assim deveria ser, claro. Mas em alguma medida a diferença entre a lei da selva exterior à Universidade e a que impera em muitos casos no interior dela não será excepcionalmente grande. Ainda assim, queremos que seja um ambiente um pouco mais justo. Mas quando a injustiça bate à porta (e sempre um dia baterá à porta de todos, em princípio), há que pensar que são ossos do ofício. Afinal, por que razão haveria de a Universidade ser imune à própria natureza humana? Os Gregos sabiam disso: *Oi anthropoi kakoi eisin*. Está tudo dito.

IV. Gregarismos e Vaidades Académicas

1. Protagonismos e Clubes de Fãs

Uma das coisas mais nocivas nos meios científicos, académicos e afins, e certamente pior ainda nas áreas menos "duras" ou "exatas", é a vontade sôfrega e insensata de descobrir pólvoras e de criar escola (para ser reverenciado como "cappo di scuola", claro). É clássica a vontade de alguém se ver chamado "rabi"...

O *señorito* ou a *señorita* (*satisfechos*, como dizia Ortega y Gasset, que tão bem aludiu a esse “tipo ideal”) veem-se ao espelho pela manhã e acham que fizeram graus académicos muito prestigiosos (sabe-se lá com que água benta passaram, enfim...), olham enamorados a sua própria tese ou dissertaçãozinha, vestem e posam com as suas vestes talares... mais ricas que as que usava Maquiavel no seu desterro doméstico. Mas ainda muito mais importante que isso é a verdade apodítica de que são uns sábios, uns génios, uns desbravadores! Pois não o dizem todos os seus amigos?

Em duas palavras de cavaqueira no café, lembram-se de uma teoria qualquer (se a não plagiaram em autor de língua difícil – hoje até línguas antigamente correntes passaram a difíceis – ou até morto há uns bons tempos), dão-lhe uma rápida pintura de fresco, e põem-se a pregar, com imensa pose. Desunham-se em eventos, em publicações, em mediatismos... Cada aluno seu, se os tiverem, é um missionário da sua pretensa Boa Nova, que irá (cuidam: mas o curioso é que podem ter razão, tal a evanescência e inconsistência das coisas outrora sólidas) revolucionar a disciplina.

Alguns poderão querer facilmente boa nota e acharão que brilharão um pouco mais com a luz refletida de um mestre importante e conhecido. Dar fama ao mestre é dar fama a si mesmo. E depois lá estão as redes internacionais, o elogio mútuo, e a dimensão de extensão, etc. e tal...

Temos lido e relido a este propósito Kant, Deleuze e Warat e achamos que ainda um dia escreveremos detidamente sobre o Protagonismo dos autoproclamados Grandes Senhores do Saber... Isto se alguém não vier a fazê-lo já daqui a um par de horas, que essa gente é mais rápida que a própria sombra... E qualquer ideia serve para ser pirateada.

Esqueceu-se completamente que a "docilitas" e a "humilitas" são virtudes académicas por excelência... Afinal, não é mais que a luta feroz do ultraliberalismo predador aplicada aos velhos lugares do Saber...

A grande mágoa é que antes tínhamos a esperança de que na sombra, no silêncio, no recato, retiro, recolhimento, haveria realmente sábios que seriam descobertos um dia, e sairiam, meio cegos com as luzes da ribalta, algo balbuciantes, na sua modéstia... Alguma vez haverá interesse em procurá-los? Receia-se agora que, como vaticinou Michel Villey, os bons já tenham passado a fazer "un autre métier"... Nunca a atenção dos donos da fama poisaria nesses Zés-Ninguém mal vestidos, mal falantes, politicamente incorretos, realmente só dedicados ao estudo...

É necessário muito comedimento, prudência, diplomacia, e elegância até, no *modus vivendi* académico. Se não se quer ser um bárbaro, um bruta-montes. A academia por vezes sofre este tipo de personagens, mas em geral acabava sempre por os vir a trucidar, com o tempo. Pelo menos apagando-os da memória, ou retendo a sua passagem pelos seus claustros como de crise e de doença.

Em tudo na academia é necessária alguma subtilidade, alguma leveza, alguma sagacidade. A linha reta nem sempre é aí a distância mais curta entre dois pontos. E daí que seja de boa política a proscricção de exageros, histrionismos, subjetivismos desmesurados, paixões ao rubro (sem quaisquer conotações políticas, entenda-se...).

Mesmo nas homenagens, nos prémios, nos louvores, o comedimento é a regra. Acaba por se pensar que uma apologia ou um panegírico excessivos se viram contra a teoria ou a pessoa que se pretendem enaltecer. Por isso é que em algumas universidades mais modernas, ou à volta delas, quando há a tentação de enaltecer mestres como se fossem semideuses, de aclamar publicações como as novas sumas da ciência definitiva, os universitários mais experimentados, e educados na velha escola, não podem deixar de sorrir, complacentemente. E, se puderem, retirar-se. A Universidade já viu muitas modas, muitas glórias, muitos grandes chefes de escola, muitas vedetas, muitos *best-sellers*. E tudo isso, ou quase tudo passou, para dar lugar a novas chefes de escola, novas glórias e novas modas. O que ficará dos entusiasmos dos epígonos será muito pouco.

Não quer dizer que o que o tempo, esse grande escultor, para retomar o conhecido título de Yourcenar⁴, tenha sempre razão. Não quer dizer que haja selecionado o excelente e olvidado o medíocre. Sabemos que os vencedores sempre contam a História, à sua maneira, *pro domo*. E também há vencedores e vencidos na História académica. Mas em geral quando uma claque de discípulos torce muito furiosamente por uma teoria ou por um mestre, é de desconfiar. Até porque os grandes mestres proibem os seus discípulos de alardes e propagandas.

⁴ YOURCENAR, Marguerite. *O Tempo, esse grande escultor*. trad. port., Lisboa: Difel, 1984.

Lição a colher: Em matéria académica, os superlativos são quase sempre sinal de pés de barro. A verdade científica é substantiva. Até os adjetivos estão a mais. Desconfiemos dos excessos. E desconfiemos muito do epigonismo.

2. Algumas Novas Vagas Teóricas

O novo-vaguismo intelectual (que talvez se devesse chamar “novo riquismo intelectualista”) é uma das doenças do crescimento das instituições e das ocupações intelectuais. Felizmente para a sua terapêutica temos a sorte de evidenciar alguns tipos facilmente identificáveis: 1) ignora a tradição e desde logo os autores nacionais, salvo se forem gurus da sua capelinha, e mesmo os da própria língua noutros continentes só os suporta se forem gurus de gurus. Mas mesmo aos que respeita não faz nada por entender. 2) Paralelamente, preza à partida qualquer autor de segunda ordem estrangeiro, e tanto quanto possa o *bluff* aguentar, de preferência tanto mais quanto mais remota for a língua - mas não tanto que possa ser muito apanhado no seu desconhecimento ou acusado de exotismo. É bom que a língua tenha tradutores em quantidade que permitam o *bluff* da leitura direta do original. 3) Como divindade das divindades, elege uma celebridade estrangeira e contemporânea (de preferência morta há algum tempo, não vá haver desmentido autêntico), que já tenha uma legião de sequazes muito razoável, o que permite ter uma rede internacional de contactos e elogio mútuo, citação mútua, convite mútuo e edição mútua. Porém, nem sempre tira partido cabal disso, porque por vezes há noutras latitudes discípulos sinceros, sérios e de qualidade, que rejeitam, quando as conhecem, as contrafações. 4) Despreza em absoluto os autores dos séculos anteriores (no nosso caso, o XIX já é pré-história) e aos clássicos trata como se fossem bárbaros ignorantes. Acredita que há coisas ultrapassadas, que são todas as que não viveu e não conhece – e que não por acaso são multidão. No que, evidentemente, vai muito mais longe que qualquer guru que pretende seguir. 5) No fundo, acha que é a si e aos seus amigos de café que cabem as glórias da sua área de conhecimento, e que tudo o mais foram, no máximo, prolegómenos. 6) Vive só infeliz por não ter os loiros que acha merecer, mas no resto está contente. Muito contente consigo.

3. Novo-riquismo pseudointelectual

Andamos muito complacentes com o novo-riquismo pseudointelectual.

Se já não se pode perdoar num jornalista nem num simples opinador a confusão de fontes e de atribuições autorais (obviamente ninguém irá dar exemplos que lhe poderiam custar a cabeça...), o "vol d'oiseau" (não, não é Lavoisier...) geográfico (por exemplo: Portugal e Espanha é tudo o mesmo...), a deturpação de filiações e significados, a ignorância histórica e desde logo cronológica petulantes (por exemplo, dissertando sabiamente sobre a grande influência de Marx na obra de Rousseau), que dizer de académicos, de universitários, cheios de títulos ou de aspirações a eles, fazendo misturas e confusões de fazer tombar num ápice, de horror e vergonha, as torres das Universidades?

De par com o turismo académico (em que a academia é pretexto para turismo) gera-se uma socialite do mesmo género, associada a fome e sede de títulos pelo mal e complexo nobiliárquico (ainda que republicanizado na forma) detetado já por Clenardo no séc. XVI. E nessa cavalgada imparável (que é um passeio alegre, acaso se é rico ou bolseiro desafogado) nada se respeita e a Academia é uma enorme coluna social. Apenas as festas e as recepções e as intrigas amorosas, típicas da superficialidade do social chique (ou com desejo disso) são por vezes substituídas por elementos que possuem algo remotamente a ver com o estudo. Comenta-se o novo

livro de Fulano como se poderia comentar o penteado exótico ou o vestido de mau gosto de Beltrana numa festa, ou, realmente, vice-versa. Tanto faz...

E nós a vê-los passar... E a serem levados a sério.

V. Teses e outros

1. Tempo de Teses

No meio de mil afazeres quotidianos, de conferências a milhares de quilómetros de distância, da revisão de muitos artigos e livros, muitos professores universitários fazem questão (ou são obrigados, porque isso também, em alguns casos, conta para as sacrossantas avaliações) de/ a orientar teses de mestrado e doutoramento.

São terríveis e deveriam pura e simplesmente acabar estes prazos que há não muitos anos se introduziram, espartilhando a entrega de dissertações e teses. Por quê colocar tanta pressão sobre todos? A tese não é de quem a faz? Que valor supremo comanda que todos acabem num prazo X ou Y? No meu tempo não havia prazos e era muito melhor. Não queria sequer dizer que fosse um convite à eternização do trabalho.

O resultado destes prazos é que depois os orientadores não ficam com tempo suficiente para ler tantas teses ao mesmo tempo. Até porque a vida e as outras obrigações não param...

Por isso se recomenda a quem faz teses: entreguem-nas com tempo aos orientadores... Recomendação fútil. Numa sociedade de egoísmo desenfreado, quer-se lá saber dos orientadores e do seu tempo. A relação entre orientado e orientador, que deveria ser próxima e fraterna, passou a ser, sobretudo nos casos de teses “dissertativas” sem necessidade de labor comum real, um vínculo funcional, em que muitos orientados até acreditam que o orientador é que lhes deve fazer a tese. E parece haver orientadores que, para que o currículo não periguesse, ou porque estão eivados de algum sentimento maternal ou paternal para com os orientados, acabariam por os ajudar para além da orientação (ou *direção*, como se diz em França, ou *supervisão*, como se diz no Reino Unido), que é a sua função real. Julgando que os ajudam, estes orientadores escravos dos orientados e das mil teses que movem ao mesmo tempo, estão a prejudicar muito todo o sistema. Se é que realmente existem e isso não é mais um mito universitário...

2. Membros de Bancas ou Júris

Porque será que o “ar” do membro de uma banca, já mesmo nas imediações da sala de atos, claramente se destaca, e se identifica? Uma aura qualquer de infalibilidade unge os eleitos que vão julgar com direito de vida e de morte académica...

Se passam quatro pessoas por uma dessas portas largas dos velhos edifícios universitários, sabemos bem qual deles é membro do júri. É uma auréola de poder... Por vezes, depois, esse poder totalmente se esboroa perante o laxismo que acaba por emergir. Mas dir-se-ia que enquanto o professor não claudica, abdicando dele, o poder de julgar a qualidade de uma tese o acompanha, e lhe dá uma auréola de saber... Depois, ao sair da banca, pode ser que já fique assim como que um anjo caído.

Evidentemente, também há o contrário. As feras temíveis ou as subtis e insidiosas entidades que levam no bolso a reprovação ou a má nota envolta em ardis. Cremos que esses, ao sair dos atos, são acompanhados por uma perene nuvem negra, uma espécie de simétrico do que ocorria com a bíblica Arca da Aliança.

3. Condição do Orientador

A condição de orientador é muito complexa, ambígua e ingrata. Se o orientador fosse um polícia da tese, das duas, uma: ou os orientadores seriam muito maus (e ignorantes) ou então não teriam lugar as críticas tão contundentes (embora delicada e por vezes até com punhos de renda) que muitos arguentes dirigem aos candidatos em provas públicas. Não se vai acreditar que tudo é só encenação, fogo-de-vista.

Na verdade, o orientador é um interlocutor privilegiado do orientado, mas deve dar muita liberdade a este. Claro que há tradicionalmente, em diversas áreas do saber, modelos mais ou menos diretivos de orientador. O mesmo se diga de países e academias, em que se nota variação do intervencionismo do orientador. Mas há limites, porque a tese não é do orientador. É do candidato. E assim deve ser.

Porque a tese é do candidato, que deveria ser considerado adulto e responsável, é que tem o seu quê de estranho e até de absurdo exigirem-se ao longo de uma tese, de um pós-doutoramento, etc., não se sabe quantos pareceres, relatórios, etc., que o próprio orientador tem de fazer ou corroborar. É a introdução de uma perspectiva de vigilância, desconfiança de orientador e orientado, e de controle, no limite, por quem julgue os papéis que se impõem a ambos. É uma menorização do candidato e um constrangimento laboralista e hierarquizante para o orientador. Deveríamos estar perante duas pessoas livres. O resultado, quando a seu tempo estivesse pronto, seria então apreciado por novas pessoas livres, membros do júri. O demais é próprio de linhas de montagem, não de templos do Saber.

Outra coisa realmente estranha são, assim, os cronogramas para esses trabalhos. O que importa para a qualidade de uma tese se ela avança segundo um ritmo mais ou menos uniforme? E quem diz cronogramas, diz prazos. A obrigação de descobrir coisas ou de produzir coisas dentro de prazos é uma imposição da lógica industrial velha à criação universitária. Porque todas as pessoas devem estar na linha de produção científica, e chegar todos ao mesmo tempo?

As instituições e mais ainda que elas uma abstratização e burocratização do labor académico passam a ser donas de teses e outros grandes momentos de criação. Os resultados não estão a ser bons... Nada bons.

4. Laxismo de Mestres Desiludidos

Já falamos deles um pouco. Há alguns Mestres cansados, desiludidos, que passaram para o lado de lá do desespero, perante a mercantilização da Escola, a subida dos medíocres aguerridos e predadores, ou de sedutores sem escrúpulos, e outras desgraças. Estão num estado alterado de consciência, dir-se-ia, *cum grano salis*.

A verdade é que muitos deles tinham dado enormes contributos ao Saber e mesmo ao Ensino, mas tais contributos excepcionais nunca foram reconhecidos. Pelo contrário, por serem bons pesquisadores e bons em pedagogia, sempre se viram preteridos e até eventualmente castigados pelas Universidades das papeladas e das informatizadas papeladas, dos venenos e dos punhais, além da pândega inconsequente, etc. etc., essas “Universidades”-sombra, ou buracos negros de Universidade, que coexistem com a Universidade autêntica (como a cidade do diabo com a de Deus coabita, como diria um Santo Agostinho).

Estes professores fizeram normalmente teses excelentes. De enorme exigência. Durante muitos anos de conventual retiro. Agora, chamados a orientar teses, são o cúmulo da complacência. Depois de terem feito as coisas académicas muito bem, parece que a sua competência, associada ao seu desencanto, lhes chegam

para compensar a displicência, o descaso, a impreparação, a improvisação, dos seus orientados. Desiludidos também com pelo menos boa parte deles (porque as orientações de pós-tudo se multiplicam e se banalizam, sempre por critérios economicistas, e alguns piores ainda...de laxismo puro), estes professores aceitam tudo, acham tudo bem, qualquer coisa lhes basta. Como que a sua tese cobre com o seu brilho qualquer mediocridade das demais. Arriscam-se a ter mais dissabores, porque os mediócras que não fariam ou terão feito teses melhores que as dos seus orientados estarão atentíssimos ao menor deslize que consigam detetar nos orientados pelos professores desiludidos, se alinharem pelo laxismo. É uma pena ter-se chegado a este ponto.

A verdade, porém, é que em parte este passa-culpismo decorre de o contexto em que se movem estes professores lhes ter feito perder os critérios, as bitolas. Eles observam que altas distinções são conferidas a mediócras, mesmo maus, que ignoram coisas básicas. E assim se quebraram as suas escalas. Já não são capazes de aplicar os seus critérios... É uma tragédia. Assim aparecem teses inimagináveis...

VI. Do Bom Uso do Tempo (e do seu Modo)

1. Esbanjamento do Tempo

Como se sentiria Fernando Pessoa, gigante aprisionado na mesquinhez quotidiana? Como se sentiria Camões, mendigando a tanga que não chega? Como se sentiria Leonardo Coimbra, massacrado no júri de concurso, que abandonou, aliás, altivo, como deve ser? E Pascoaes, que abandonou o foro? E Herculano, que abandonou o mundo e foi para Vale de Lobos? E tantos e tantos...

A grande pergunta é: o que andamos nós a fazer? Como aplicamos nós o escasso tempo que temos? Dá dó o esbanjamento a que alguns se votam... E há muitos na Universidade. Como é possível, se aí há tanto de importante para fazer? A verdade é que com pretexto de se ser universitário muito tempo e vida se esbanja.

2. Tempos e Modos de progredir – ou não

É interessante ver o tempo que, em certas atividades, uma pessoa demora a descobrir e a fazer certas coisas... Chega a ser divertido, emocionante ou enternecedor... Há quem tudo entenda e faça logo. São poucos, e normalmente para eles é tudo natural, como se tivessem nascido ensinados. Outros deixam algumas coisas de lado e nunca chegam lá. Outros vão aos poucos. Mas o mais curioso é que alguns, quando atingem um desses patamarzitos doirados, que outros de um passo há muito galgaram, festejam e lançam foguetes. Crianças que conquistaram um doce novo...

3. Aproveitamento do tempo

Uma das formas de o universitário aproveitar bem o tempo é fazer fichas. Não deixar ideias soltas e perdidas em livros e artigos que podemos nem voltar a ver. Copiar à mão é uma forma ritual, dedicada, carinhosa, de nos apropriarmos do saber. Retemos as coisas, e podemos voltar a elas quando quisermos, se catalogarmos bem.

Recordamos os dois portentosos ficheiros de tamanho humano no escritório de Michel Villey, cada um encimado por um busto: Platão e Aristóteles, creio. Os meus estão espalhados por escritórios, casas, continentes... Não é lá muito bom ter os ficheiros espalhados. Mas também todos juntos assustariam...

Datam sobretudo dos finais do ensino secundário e do período da graduação universitária os primeiros milhares de fichas que fiz, durante horas, muitos deles em bibliotecas. São em cartolina hoje amarelecida, mas que ainda servem de muito... Estudar é preciso. Guardar materiais é preciso.

A esses milhares de fichas de estudante muito mais milhares se foram acrescentando ao longo dos anos. Para mim, é uma espécie de *crochet* ou de golfe, que me descansa, relaxa, e dá materiais e inspiração para futuros trabalhos. Fazer fichas é um desporto que vale em si e para além de si mesmo. Se não tens mais nada que fazer, faze fichas... Se tens muito que fazer, fá-las também. Na verdade é assim: se não tiveres nada mais interessante e criativo que fazer, faz fichas. Deveria haver uma avaliação dos docentes e pesquisadores pelo número de boas fichas feitas. Não, evidentemente, pela quantidade. Algo me faz lembrar, porém, *Bouvard et Pécuchet*... Romance tão universitário de Flaubert.

Recebido para publicação em 22-08-16; aceito em 25-09-16